



Miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 6, número 1, Jan.-Abr. 2017

DE PAULO LEMINSKI A PEDRO ANTÔNIO GABRIEL: DIÁLOGOS ATEMPORAIS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA



FROM PAULO LEMINSKI TO PEDRO ANTÔNIO GABRIEL: TIMELESS DIALOGUES AT CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE

Jennifer da Silva Gramiani CELESTE
Juliana Gervason DEFILIPPO
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA,
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 31/01/2017 • APROVADO EM 25/04/2017

Abstract

This article aims to establish a dialogue between poems written by Paulo Leminski and Pedro Antônio Gabriel. The studies on Cyberculture, Literature and Modernity will be the guiding principles of this work. The accomplishment of this work is justified based on the relevance in

understanding the dialogues contemplated by the Contemporary Brazilian Literature; in addition, the dynamics that demarcates the current poetic production in Brazil, influenced by the advent of the internet. It is possible to affirm that the authors talk among themselves, whether through games of a sonorous or visual nature, or via the themes contemplated. The conversations are timeless, because they transcend beliefs and perspectives inherent in a given epoch.

Resumo

O presente artigo objetiva estabelecer diálogo entre poemas da autoria de Paulo Leminski e Pedro Antônio Gabriel. Os estudos relativos à Cibercultura, à Literatura e à Modernidade serão os norteadores deste trabalho. A realização deste estudo é justificada com base na relevância em compreender os diálogos contemplados pela Literatura Brasileira Contemporânea; ademais, a dinâmica que demarca a atual produção poética no Brasil, influenciada pelo advento da *internet*. É possível afirmar que os autores dialogam entre si, seja via jogos de natureza sonora ou visual, seja via temáticas contempladas. As conversas são atemporais, pois transcendem crenças e perspectivas inerentes a uma dada época.

Entradas para indexação

Keywords: Poetry. Contemporary Brazilian Literature. Paulo Leminski. Pedro Antônio Gabriel.

Palavras-chave: Poesia. Literatura Brasileira Contemporânea. Paulo Leminski. Pedro Antônio Gabriel.

Texto integral

I “EU ERA, TU ERAS...”¹

Nascido em 24 de agosto de 1944, na cidade de Curitiba, estado do Paraná, Paulo Leminski Filho foi poeta, romancista, tradutor, compositor, biógrafo, ensaísta, ademais, grande apreciador e mestre – faixa preta – das Artes Marciais do Judô. Em 1968, casou-se com a também poeta Alice Ruiz, com quem teve duas filhas. Foi considerado grande estudioso do idioma e da cultura japonesa. Publicou algumas célebres obras, como: *Caprichos e relaxos* (LEMINSKI, 1983), *Agora é que são elas* (LEMINSKI, 1984), *Um milhão de coisas* (LEMINSKI, 1985) e *Winterverno* (LEMINSKI, 1994a). *Metamorfose: uma viagem pelo imaginário grego* (LEMINSKI, 1994b) foi consagrado com o Prêmio Jabuti de Poesia um ano após sua publicação.

No ano de 2001, o poema *Sintonia para pressa e presságio* foi incluído no livro *Os cem melhores poemas brasileiros do século*, de autoria de Moriconi (2001). Consagrados artistas, entre eles Arnaldo Antunes, Caetano Veloso e Ney Matogrosso,

gravaram composições musicais escritas pelo poeta. Paulo Leminski faleceu em 07 de junho de 1989 em sua cidade de origem.

Após quase vinte anos desde sua morte, a editora Companhia das Letras realizou a republicação de sua obra poética completa, em edições, intituladas *Toda poesia* (LEMINSKI, 2012) e *Vida: cruz e Sousa, Jesus, Bashô, Trótski* (LEMINSKI, 2013). Algumas de suas obras também foram publicadas pelo selo editorial Companhia de Bolso – pertencente à supracitada editora – e vêm sendo comercializadas por preços consideravelmente acessíveis ao público leitor, fatores estes que contribuíram, de certa forma, para disseminar e popularizar ainda mais seus escritos.

Mesmo antes de Leminski falecer, nascia na capital da República do Chade, na região centro-norte da África, Pedro Antônio Gabriel Anhorn, especificamente em 1º de janeiro de 1984. O jovem, filho de uma brasileira e de um suíço, fora educado em francês e chegou ao Brasil aos doze anos de idade. Até seus treze anos não era capaz de formular frases e sentenças inteligíveis na Língua Portuguesa. Foi a partir das dificuldades ligadas à utilização do idioma que Pedro Antônio passou a observar, de maneira minuciosa, sons ligados às grafias dos vocábulos. Assim, desenvolveu, no decorrer de alguns anos, talento e sensibilidade para brincar com as atribuições do idioma brasileiro e expressá-las de maneira sensível e divertida em guardanapos. Dos guardanapos às redes sociais – *website*, contas do *Instagram*², *Tumblr*³, *Twitter*⁴ e página do *Facebook*⁵ – o jovem poeta explica como se deu este processo criativo, em entrevista para a versão *online* da *Revista Trip*, realizada pela repórter Layse Moraes:

Tudo começou em outubro do ano passado. Eu estava voltando para casa depois de um dia cansativo de trabalho e decidi parar para tomar um chope no Café Lamas, um restaurante tradicional aqui no Rio de Janeiro. Enquanto esperava o meu pedido, fiquei desenhando na única plataforma que tinha naquele momento: os guardanapos que estavam no balcão. Acabei gostando do resultado e decidi fotografar o rabisco. Alguns dias (e chopes) depois, eu percebi que tinha bastante material guardado e tive a ideia de abrir uma página na internet para ter um registro de todas as minhas criações até então. (MORAES, 2017, s/p).

Atualmente, Pedro Antônio possui um significativo número de obras publicadas, publicações estas possibilitadas pela divulgação de seu trabalho na internet: *Eu me chamo Antônio* (GABRIEL, 2013), *Segundo: eu me chamo Antônio* (GABRIEL, 2014) e o recente título *Ilustre poesia: eu me chamo Antônio* (GABRIEL, 2016b), sendo todos os livros editados pela editora Intrínseca. É tido como um dos destaques no que concerne à difusão de poesia visual ou de pequenos versos via meio eletrônico, utilizando-se dos jogos de palavras e daqueles de natureza sonora, além de ilustrações que complementam seus escritos, tendo estimulado uma série de publicações paralelas ao seu estilo de produção, com poetisas como Clarice Freire – ao lado de quem realizou a *Turnê Poética*⁶ – autora de *Pó de lua* (FREIRE, 2014) e *Pó de lua: nas noites em claro* (FREIRE, 2016), pela Intrínseca; Pedro Henrique, autor de *Um cartão: sentimentos cotidianos* (HENRIQUE, 2015), pela Rocco; Lucas

Brandão, autor de *É cada coisa que escrevo só pra dizer que te amo* (BRANDÃO, 2016), pela Benvirá; e Zack Magiezi, autor de *Estranheirismo* (MAGIEZI, 2016), pela Bertrand Brasil. Ressalta-se que os conteúdos trazidos à tona nas obras destes autores advêm todos de postagens e compartilhamentos em meio virtual, sendo, portanto, facilmente acessados por seus seguidores.

Cabe, aliás, aqui citarmos a respeito da realização de um mapeamento⁷ relativo às obras literárias da autoria de produtores de conteúdo virtual, em particular blogueiros e *youtubers*, a partir do qual também é possível constatar que Pedro Antônio Gabriel é, de fato, um dos pioneiros de sua geração quando o assunto se refere ao texto poético confeccionado com base em inusitados suportes, neste caso, dos guardanapos à *internet*. No mais, pode-se dizer que o referido mapeamento restringiu-se ao período de janeiro de 2008 a dezembro de 2016, perpassando por oito anos de produção. No geral, foram recolhidos 220 autores. Nos anos iniciais de produção – 2008 a 2012 – nota-se certa oscilação quanto ao número de livros publicados. Entretanto, de 2013 até 2016, tem-se um crescente aumento do número de publicações, alcançando, em 2016, a considerável marca de 105 livros, a maior entre os anos pesquisados.

Vale sinalizar para além da crescente propagação das poéticas de Pedro Antônio Gabriel, o fato de que outros produtos foram idealizados trazendo como marca registrada os versos e as artísticas ilustrações de sua autoria. Alguns exemplos são as camisetas e as capas de celular comercializadas por meio de seu *website*⁸. Isto nos direciona a possibilidades de reflexões – as quais este artigo, por ora, não pretende realizar – sobre o movimento de exploração, liderado por jovens escritores, como o poeta em destaque, em relação a outros territórios vinculados ao mercado de consumo atual – e não somente ao ramo editorial.

Objetiva-se, por meio deste breve estudo, estabelecer diálogo entre alguns dos poemas da autoria de Paulo Leminski, extraídos da obra *Winterverno* (LEMINSKI, 1994a), e aqueles da autoria de Pedro Antônio Gabriel, disponíveis em sua conta do *Instagram* e em publicações impressas. Para tanto, irá se recorrer a diversos estudiosos de campos do saber relativos à Cultura, à Cibercultura, à Literatura e à Modernidade, entre eles Giorgio Agamben e Pierre Lévy. Estes aportes teóricos serão necessários para nos auxiliar quanto aos possíveis paralelos que podem ser traçados entre as produções poéticas de Leminski e Gabriel. Justifica-se a realização deste trabalho com base na relevância em se compreender os ricos diálogos – atemporais, neste caso – contemplados pela Literatura Brasileira Contemporânea, ademais, a dinâmica que demarca a atual produção poética no Brasil, influenciada pelas redes sociais e as novas tecnologias.

II “EU APENAS ESCREVO. TEM QUE TER POR QUÊ?”

Na obra *O que é o contemporâneo e outros ensaios* (AGAMBEN, 2009), o estudioso Giorgio Agamben nos esclarece acerca do que se trata a contemporaneidade, período cuja definição é complexa, uma vez que se constitui

como bastante frágil a compreensão de algo que se faz no presente momento, aqui e agora:

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. (AGAMBEN, 2009, p. 65).

Segundo o crítico, os indivíduos que se tornam grandes artistas contemporâneos devem ser perspicazes o bastante ao ponto de encontrar algo que lhes chame a atenção, ainda que envoltos por uma confusa atmosfera de obscuridade. Isto porque, para além da afirmação de Agamben, ser este um momento de intensa produção cultural e, sobretudo, de fragilidade e efemeridade tanto do texto literário quanto do interesse do público leitor. Este dedicado olhar, permeado por paciência e sutileza, atribui aos artistas um caráter peculiar. E àqueles que se destacam e permanecem no mercado, transcendendo modas e demandas passageiras, cabe ainda um olhar mais atento.

Deste modo, é importante destacar que ensaiar uma compreensão da Literatura Contemporânea envolve uma percepção multi e interdisciplinar. Consagrada estudiosa desta vertente literária, Beatriz Resende, na obra *Contemporâneos: expressão da literatura brasileira no século XXI* (RESENDE, 2008), permite-nos compreender, por meio de sua fala, a produção atual e a relevância que há em estudá-la, principalmente se analisarmos sua afirmação, pensando nos textos poéticos oriundos do espaço virtual:

Em praticamente todos os textos de autores que estão surgindo revela-se, ao lado da experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada, mesmo nos autores muito jovens deste início de século. Imaginação, originalidade na escrita e um surpreendente repertório [...] nossos escritores parecem estar escrevendo tão rápido quanto bem. (RESENDE, 2008, p. 17).

Presente em mídias diversas, concedendo entrevistas e participando de eventos literários e acadêmicos, a versatilidade e a experiência de Pedro Antônio Gabriel nas múltiplas linguagens – e pontos de vista – são traduzidas nos seus textos e arte. Não é por menos que atinge vários públicos. Sua poesia, de forma geral, embora não seja essa a característica que o define, traduz momentos triviais do cotidiano, mas que, sob o olhar do poeta, transformam-se em crônica, crítica, humor, reflexão e arte. O poeta em voga, então, vem produzindo poesia visual com tons críticos, utilizando, para tanto, na maioria das vezes, a ludicidade para compor a qualidade artística do seu trabalho poético.

Agamben (2009) também discorre sobre o papel assumido por aqueles que se dedicam à produção poética no período contemporâneo, atribuindo-lhes a responsabilidade por ocorrência de fraturas, compreendidas como aspectos inerentes às suas produções que impediriam a composição linear do tempo. É uma espécie de ruptura com licenças ou paradigmas impostos, hierarquicamente, em algum momento remoto da história da escrita. Além disto, o estudioso enaltece a relevância destes artistas já que também se configuram como “[...] o sangue que deve saturar a quebra” (AGAMBEN, 2009, p. 61).

Ainda sob a perspectiva relativa às fraturas, às quebras e às recomposições, Agamben (2009) nos afirma: “[...] se, como vimos, é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo [...] ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações” (AGAMBEN, 2009, p. 71).

O crítico Octávio Paz, em *O arco e a lira* (PAZ, 2012), nos apresenta necessária diferenciação entre poema e poesia. O especialista afirma que o poema não corresponde simplesmente a uma forma literária, mas ao ponto no qual a poesia e o indivíduo que a produz se encontram. Sendo assim, o poema deveria ser compreendido como elemento de ordem verbal que contempla a poesia. Além disto, os poemas são objetos únicos, criados via utilização de específicas técnicas.

Os escritos de Paulo Leminski e Pedro Antônio Gabriel possuem estilos próprios. Sobre os estilos poéticos, Paz (2012) crê que estes se constituem como premissas para a confecção de produções criativas. Talvez seja por este motivo que os artistas tentam, incessantemente, superar estilos outrora estabelecidos, libertando-se, aponta o pesquisador. Isto não quer dizer que os poetas detenham total autenticidade: dificilmente, assim deixa claro Paz (2012), os artistas deixam de adaptar e se basear no estilo que se faz comum em sua época, todavia, transcendem-no e apresentam ao público obras de caráter ímpar, talvez jamais vislumbradas.

A relação entre Literatura e *internet* concede aos poemas produzidos pelos escritores em destaque singulares características e qualidades. Afinal, conforme a fala da pesquisadora Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Mutações da literatura no século XXI* (PERRONE-MOISÉS, 2016), as mudanças tecnológicas e culturais proporcionadas pela disseminação da tecnologia, que ocorreu na virada do século, afetaram a produção literária. A partir do posicionamento de Perrone-Moisés (2016), cabe aqui uma constatação: o contingente de obras da autoria de Paulo Leminski, a partir do advento da *internet* e suas facetas, pôde alcançar horizontes até então desconhecidos. A partir deste contato entre apreciadores e obras, o poder de contágio e influência configuram-se como cada vez maior. O surgimento de novos artistas se dá, muitas vezes, por meio de inspirações tais como esta, sendo levados a acreditar que também são capazes de criar e difundir arte assim como os artistas que apreciam. Não se deve esquecer, obviamente, da criatividade de Pedro Antônio Gabriel no que diz respeito à exposição de fotografias de seus artísticos guardanapos nas redes sociais. Esta atitude o conduziu rumo ao contrato com uma editora, passando a orientar sua produção em prol da divulgação de poemas impressos, apesar de ainda hoje manter o vínculo com a grande rede, por meio da qual estabelece contato com admiradores via redes sociais e, assim, também faz conhecer seus feitos.

Ora, portanto, entende-se o quão difícil é pensar ou refletir sobre temáticas contemporâneas sem levar em consideração as transformações originárias dos avanços eletrônicos. Isto é o que nos afirma Pierre Lévy, em *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* (LÉVY, 2010). É nesta obra que o supracitado especialista nos demonstra como a disseminação da *internet* traz consigo possibilidades acerca das relações que no mundo se solidificam:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens e o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada [...]. (LÉVY, 2010, p. 7).

O advento da *internet* e das novas tecnologias fez surgir impasses vários às publicações impressas. Face à dinâmica promovida pelo ciberespaço, é interessante refletir sobre o movimento posto em prática pela Literatura. Quem nos auxilia neste terreno é Perrone-Moisés (2016), lançando-nos um questionamento acerca da superficial afirmação de que a Literatura se tornou algo que atualmente não mais existe, constituindo-se como passado. Afinal, como dito pela autora: “[...] Nunca se publicou tanta ficção e tanta poesia quanto agora. Nunca houve tantas feiras de livros [...] tantos eventos literários. Nunca os escritores foram tão mediatizados [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 25). O fim da Literatura poderia estar distante de ocorrer se nos referirmos à Literatura como aquela que abarca “[...] determinados textos, escritos numa linguagem particular, textos que interrogam e desvendam o homem e o mundo de maneira aprofundada, complexa, surpreendente” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 25). Ainda sobre o possível término da produção literária, assim teoriza Perrone-Moisés, este corresponde a apenas um sobressalto, difundido por muitos anos, até o final do século passado, uma espécie de ensaio que jamais se concretiza, pois “[...] a produção e a edição de obras literárias, cada vez mais abundantes e dos mais variados gêneros, têm desmentido as previsões apocalípticas” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 255).

O livro *Winterverno* (LEMINSKI, 1994a) é uma publicação póstuma de Paulo Leminski em parceria com João Suplicy, também artista. O livro apresenta haicais escritos por Leminski, ao lado de desenhos de Suplicy. Utilizando-se da concisão exigida pelos haicais – forma poética japonesa –, Leminski expõe, a partir de instigante jogo de vocábulos, os mais distintos sentimentos, na contramão de um lirismo verborrágico ou requintado:



Figura 1 – Poema de Paulo Leminski [1] – “Vazio agudo ando meio cheio de tudo”.

Os versos traduzem sensação de tédio e apatia frente ao caráter estático e desprovido de quaisquer novidades que a vida, em alguns momentos, pode assumir. Este lirismo conciso cria uma antítese entre as ideias de vazio e cheio, apresentadas pelo poema, uma vez que esta também pode ser a sensação que assola o ser humano diante de sua incompletude enquanto ser social.

Em sua conta do *Instagram* e em suas publicações impressas, Pedro Antônio Gabriel, por meio do inusitado suporte guardanapo, cria e compartilha versos e desenhos ambos confeccionados sempre com o auxílio de caneta esferográfica. O poeta trata de temáticas ligadas à insegurança e ao desconhecimento quanto aos fatos que tornam a vida surpreendente, caracterizada pela não linearidade e pela incerteza em relação à ocorrência de determinados fatos, o que pode influenciar a não concretização de planos que foram idealizados. Nos textos selecionados a seguir é possível verificar a valorização de uma abordagem positiva e proveitosa do medo, a fim de que seja possível buscar motivação rumo ao alcance de objetivos, apesar do caminho que se faz repleto de contradições e intempéries:

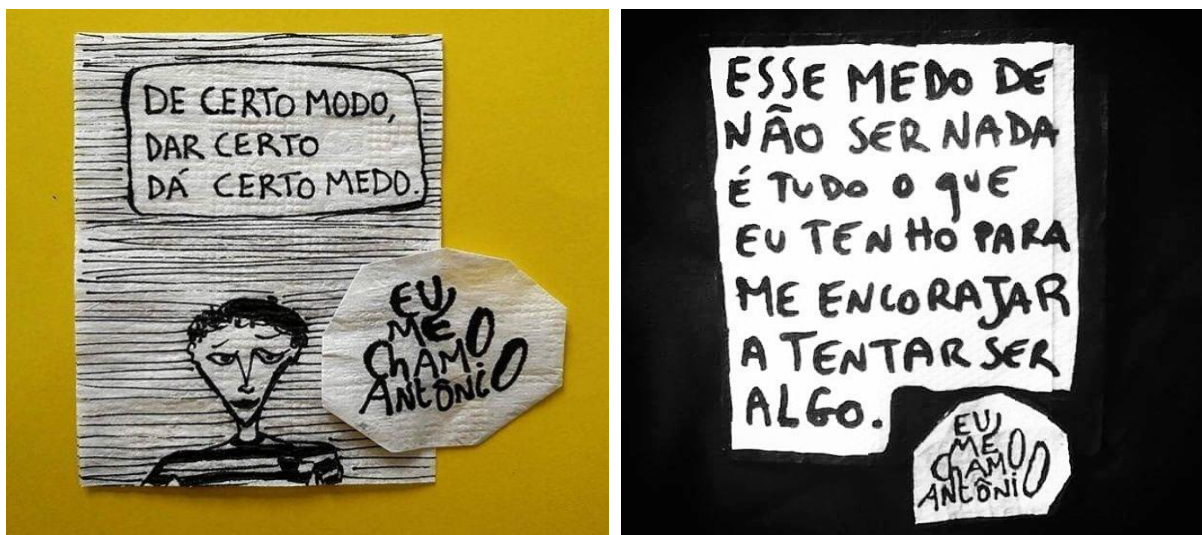


Figura 2 – Poemas de Pedro Antônio Gabriel [1] – “De certo modo, dar certo dá certo medo” / “Esse medo de não ser nada é tudo o que eu tenho para me encorajar a tentar ser algo”.

No primeiro texto, o eu-lírico amedronta-se quando exposto à possibilidade de obter sucesso em empreendimento pelo qual se empenhara. Entretanto, constata que é o enorme medo que o ronda que poderá ser capaz de orientá-lo em direção às tentativas para assumir seu próprio papel, como de fato o é, imbuído de suas peculiaridades que o singularizam. O poema remete, ainda, à ideia de que se vive em um mundo no qual o medo corresponde a um evidente sinal de fraqueza e fragilidade, não detendo indicativo de cautela e sutileza, atitudes comumente características de momentos nos quais os indivíduos se deparam às distintas e às inusitadas configurações de ordem vital.

Além de Leminski (1994a) e Gabriel (2017a) utilizarem as palavras de maneira leve e fluída, promovendo criativos jogos sonoros e visuais, também muito se assemelham no que concerne aos temas contemplados em seus poemas. Isto se evidenciará ainda mais via produções que serão apresentadas a seguir.

No poema seguinte da autoria de Leminski (1994a), verifica-se certo descontentamento do eu-lírico em relação à ausência de traços inovadores em suas atitudes:

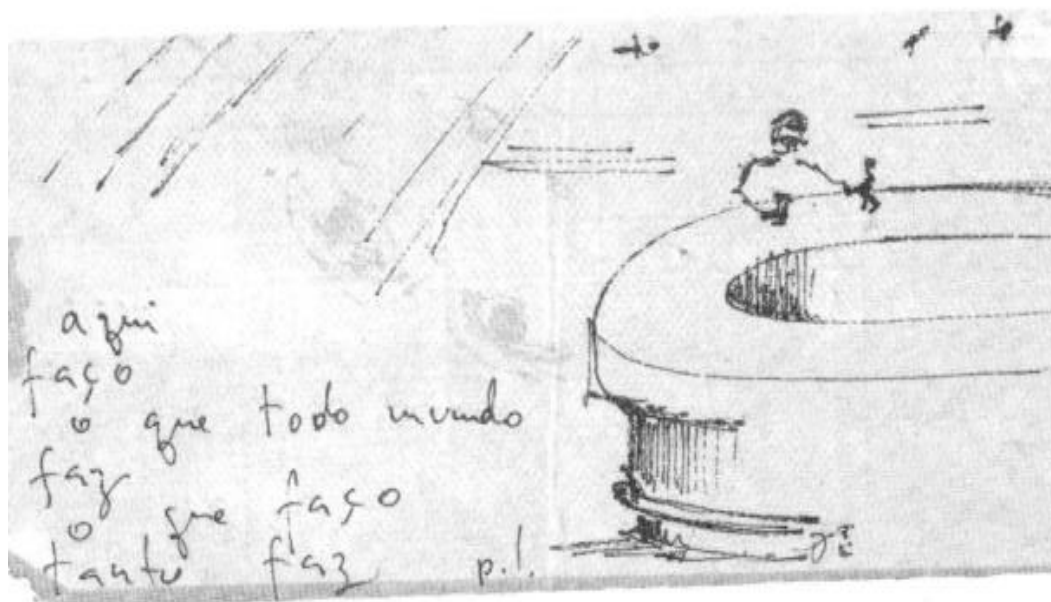


Figura 3 – Poema de Paulo Leminski [2] – “Aqui faço o que todo mundo faz. O que faço tanto faz”.

Como o que se realiza é semelhante àquilo que os demais indivíduos concretizam e, assim, ações desprovidas de quaisquer traços autorais e sentidos e significados para si próprio, o eu-lírico demonstra o quão desinteressante são os seus posicionamentos. O texto permite pensar, ainda, em crítica sobre uma sociedade na qual a individualidade dos sujeitos – aqui compreendidos como aqueles que detêm subjetividade – dissolveu-se frente ao advento do Sistema Capitalista e da progressiva força adquirida pelo processo de Globalização.

Sob outra perspectiva, tem-se a poética de Gabriel (2017a):

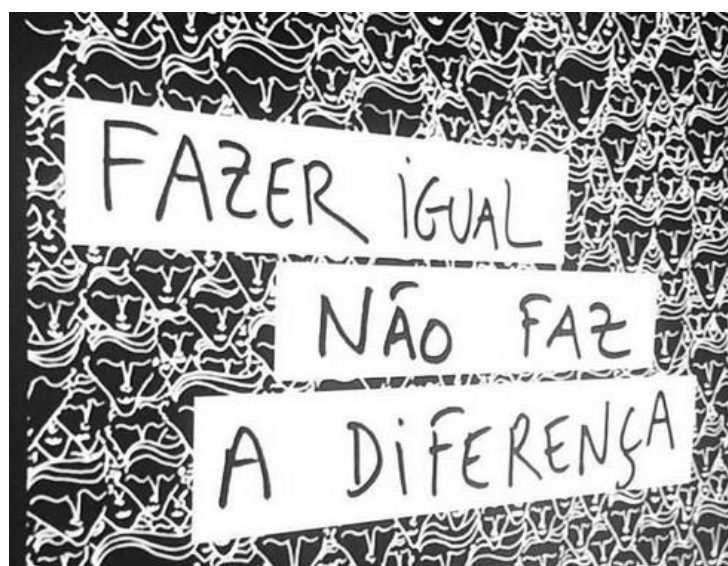


Figura 4 – Poema de Pedro Antônio Gabriel [2] – “Fazer igual não faz a diferença”.

O poema exposto configura-se como uma espécie de questão motivacional, quando se almeja evidenciar diálogos com o eu-lírico de Leminski (1994a) presente na produção anterior: ora, não há originalidade e, portanto, acréscimo algum ao se reproduzir aquilo que os demais fazem. Desta maneira, não se agrega quaisquer valores aos alvos dos objetivos que se pretendem fazer alcançar. Pode-se constatar, sob este viés de análise, que as produções dos poetas trazem à tona, distintamente, tônicas relativas aos motes da autenticidade e do posicionamento dos indivíduos.

O ser autêntico, então, seria capaz de realizar suas próprias escolhas e fazer-se ímpar em meio aos demais, atitudes estas que nos remetem à ideia de liberdade, outra temática bastante recorrente nos poemas dos escritores. Primeiramente, como escreve Leminski (1994a):

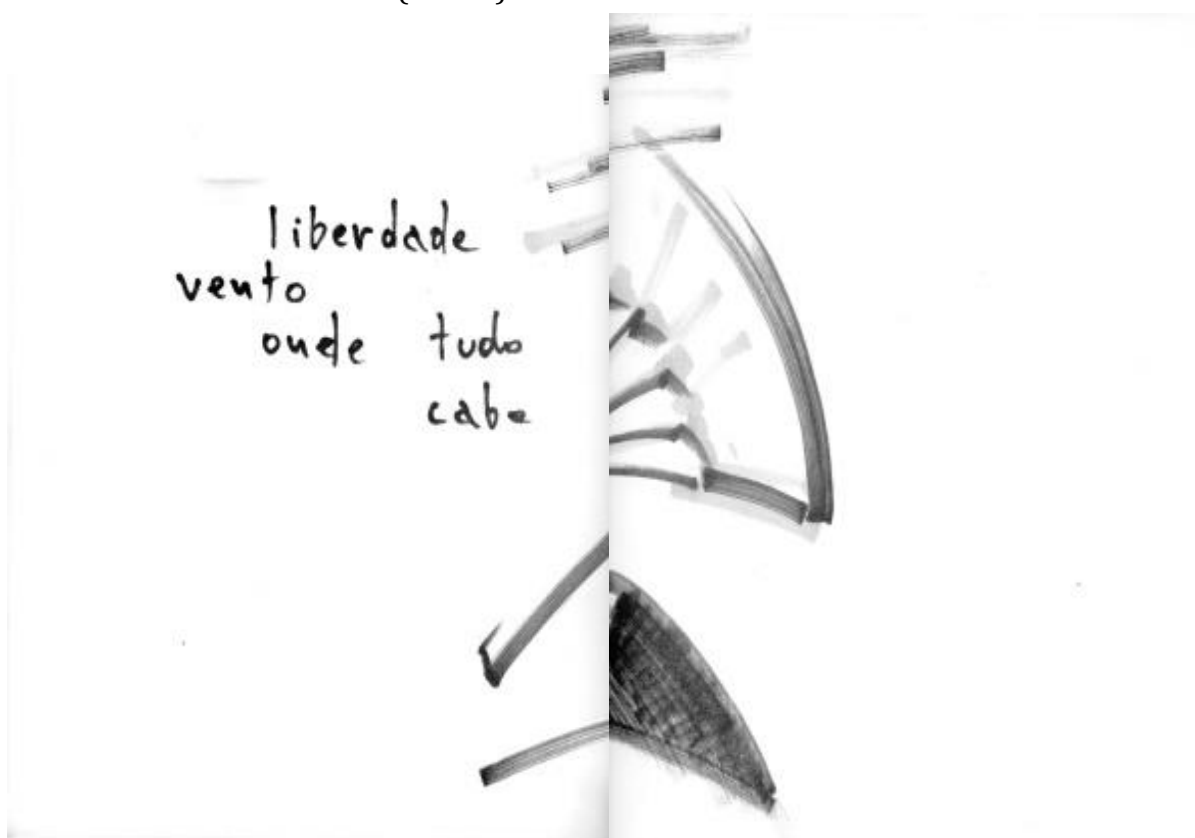


Figura 5 – Poema de Paulo Leminski [3] – “Liberdade vento onde tudo cabe”.

O ato de ser livre, desde que não se infrinja os direitos de outrem, é comparado por Leminski (1994a) ao vento, elemento natural invisível aos olhos de quem o tenta apreciar, que ruma sem direção, faz-se forte, faz-se fraco, acalenta e destrói. Este vento corresponde àquele que tudo acolhe, tudo compreende. Entretanto, não haveria a possibilidade de se desenvolver discussão acerca da liberdade que é inerente ao ser humano tomando-se como pano de fundo mecanismos que a iniba. Neste sentido, Gabriel (2017a) conversa com a poética de Leminski (1914a):



Figura 6 – Poema de Pedro Antônio Gabriel [3] – “Não se discute liberdade em cadeia nacional”.

As mídias radiofônica e televisiva apresentam aos seus espectadores conteúdos embebidos de crenças, preceitos, princípios e valores ligados às suas filosofias. Destarte, na grande maioria das vezes, o que se vê são programações imbuídas de considerável carga de parcialidade em relação aos assuntos em destaque na atualidade. Perante isto, há dois caminhos a serem trilhados para que o leitor possa ser capaz de interpretar o poema de Gabriel (2017a): cadeia nacional como o conjunto de emissoras de rádio e televisão ou, de acordo com o que a própria expressão sugere – suposição embasada no estilo poético de suas produções –, como instrumento social que impede o alcance da realidade como de fato se constitui e de posicionamentos sensatos frente às ocorrências. Assim, como falar sobre liberdade em um âmbito que não a preconiza? O ser humano vive, então, aprisionado na liberdade utópica das mídias, uma vez que estas não concedem o direito a acessá-las plenamente. Dá-se destaque também ao verdadeiro paradoxo que aqui se instaura: o poeta se utiliza da *internet* – que detém caráter coletivo e democrático – para denunciar a repressão da liberdade de expressão pregada por TVs ou rádios.

Logo, tem-se a contraposição de ideias entre as produções poéticas dos autores. Por fim, acrescenta-se a este ponto de vista outro poema de Gabriel (2017a), uma espécie de brado em meio à situação aqui elucidada:



Figura 7 – Poema de Pedro Antônio Gabriel [4] – “Não me peça silêncio. Não me impeça de falar”.

Leminski (1994a) e Gabriel (2017a) também abordam a temática da poesia, explorando o complexo terreno da metalinguagem:

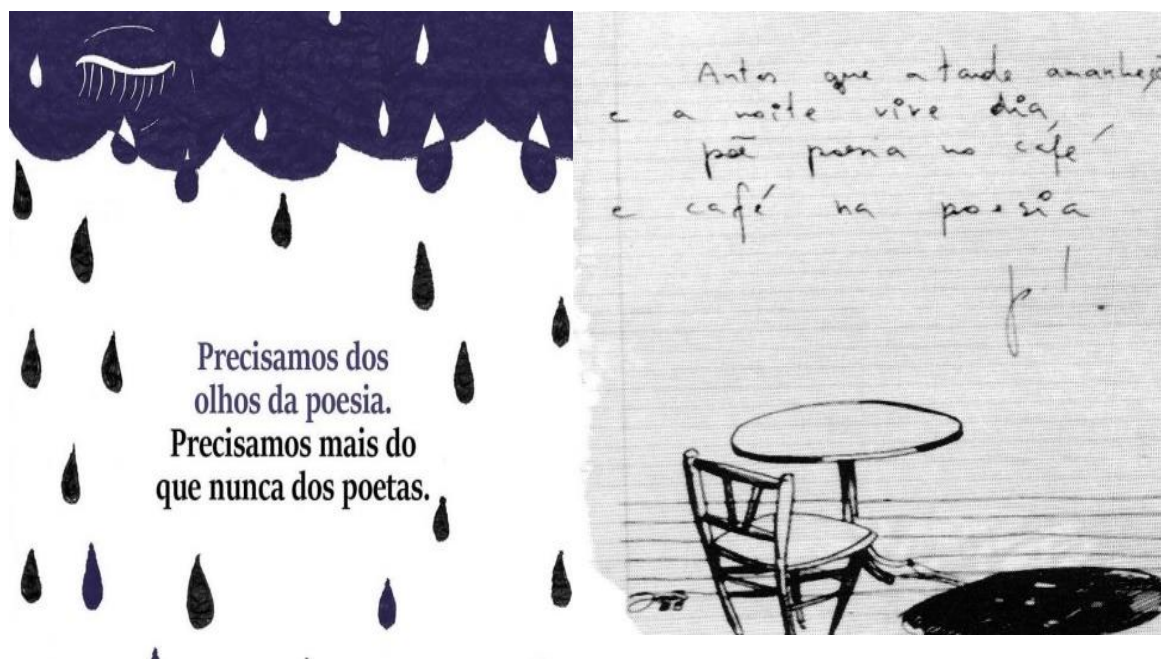


Figura 8 – Poemas de Paulo Leminski e Pedro Antônio Gabriel – “Precisamos dos olhos da poesia. Precisamos mais do que nunca dos poetas” / “Antes que a tarde amanheça e a noite vire dia, põe poesia no café e café na poesia”.

O eu-lírico do poema de Leminski (1994a) problematiza a importância da poesia frente àquilo que é banal e rotineiro. Já o eu-lírico do poema de Gabriel (2017a), por sua vez, chama a atenção para a importância de se tomar como guia um olhar envolto por delicadeza, sutileza e sensatez, peculiaridades comuns do texto poético, para que seja possível enfrentar os obstáculos e obscuridades inerentes à vida. Como este olhar se faz necessário, são necessários também os poetas que, ao encarnarem o papel de ser humano, para Gabriel (2017a), vivem suas dores e seus risos. Enfim, tornam a vida um pouco mais palatável. Sobre este pressuposto, Paz (2012) acrescenta que:

[...] quase sempre a leitura se apresenta como revelação de algo alheio à poesia propriamente dita [...]. E não é só a história que nos faz ler um mesmo texto com olhos diferentes. Para alguns, o poema é a experiência do abandono; para outros, do rigor. Os jovens leem como se só no poema as nebulosas, pressentidas feições do amor, do heroísmo ou da sensualidade pudessem ser vistas com nitidez. Cada leitor procura alguma coisa no poema. E não é nada estranho que a encontre: já a tinha dentro de si. (PAZ, 2012, p. 32).

A perspectiva do escritor/poeta leva ao encontro das respostas que se perdem no decorrer do caminhar da vida, estas respostas que sempre estiveram presentes, que de alguma forma, diluíram-se em meio à liquidez do turbilhão de acontecimentos que se fazem comuns em tempos contemporâneos. Na concisão de seus versos, Leminski e Gabriel exercem o papel deste escritor necessário, como afirma Agamben, inovador como propõe Resende, visionário como poetiza Paz.

III “AGORA QUE PASSOU POSSO DIZER...”

Com base nas leituras realizadas dos poemas da autoria de Paulo Leminski e Pedro Antônio Gabriel, é possível perceber como de fato os autores dialogam entre si, seja via jogos de natureza sonora ou visual, seja via temáticas contempladas. Os eu-líricos dos poetas jogam ludicamente com as palavras que utilizam para compor todas as suas produções. São sentidos, significados e sons que tornam seus feitos poéticos tão ímpares, providos de olhares e de perspectivas várias acerca de um mesmo objeto de análise, permitindo, por conseguinte, distintas leituras em relação aos poemas. Sendo assim, é importante ressaltar que as análises aqui empreendidas correspondem apenas a possibilidades de caminhos a serem trilhados quanto à compreensão dos poemas aqui expostos.

Pode-se dizer, ainda, que suas conversas são atemporais, pois transcendem anseios, crenças, expectativas e perspectivas inerentes a uma dada época. No *blog* que administra, patrocinado pela Editora Intrínseca, Gabriel (2017b) relata aos internautas a relevância da obra de Leminski em sua vida e confirma, finalmente, a influência que este poeta exerce sob seu processo de criação:

[...] Paulo, com todo seu carisma e sensibilidade, me encaminhou ao lugar mais intenso que um verso livre é capaz de nos levar: ao nosso próprio universo criativo. [...] É essa sensação de permanência que a poesia nos dá após ler um poema que determina a longevidade de uma obra poética. Paulo Leminski, em mim, é para sempre. Quando leio seus livros me sinto livre. Sem as amarras acadêmicas. Sem as algemas métricas. Sem o rigor da poesia tradicional. (GABRIEL, 2017b, s/p).

Ressalta-se, a tempo, a importância da *internet* nas dinâmicas de divulgação e produção poética e faz-se uso, para tal, de recente fala de Pedro Antônio Gabriel, em exclusiva coluna para o Jornal *O Globo* – texto postado em sua conta do *Instagram*: “Num mundo onde as pessoas parecem cada vez mais perdidas [...] encontrar versos originais de novos poetas em nossa *timeline* soa como um respiro de esperança, um alívio para o caos, uma luz no fim do *like*” (GABRIEL, 2017a, s/p).

Por fim, desta forma, constata-se que a verdadeira beleza do estudo relativo às produções da Literatura Brasileira Contemporânea se encontra na construção aberta de diálogos e novas perspectivas quanto a um singular objeto. Daí decorre, talvez, a necessidade de se buscar melhores percepções em relação às mutações experienciadas pela Literatura Brasileira Contemporânea e ao caminho que este fato tem levado autores e leitores a percorrer. Configura-se como relevante, portanto, voltarmos nossos olhares às antigas e às atuais produções literárias, algumas reconhecidas, outras ainda não legitimadas, mas que, a cada dia, tem ocupado seu espaço e conquistado considerável número de apreciadores.

Notas

¹ Os títulos das seções do presente artigo fazem referência às produções poéticas de Paulo Leminski e Pedro Antônio Gabriel.

² Rede social que permite o compartilhamento de imagens e vídeos.

³ Rede social que permite o compartilhamento de imagens.

⁴ Rede social na qual os usuários podem divulgar e receber informações com até 140 caracteres.

⁵ Rede social na qual há a possibilidade de se criar uma página de perfil pessoal, adicionar amigos, compartilhar textos, imagens e vídeos, trocar mensagens e integrar grupos de interesse.

⁶ Mais Informações no Link: <<http://www.intrinseca.com.br/blog/2016/09/turne-poetica-com-clarice-freire-e-pedro-gabriel>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

⁷ Os dados levantados para o mapeamento fazem parte de um levantamento desenvolvido no grupo de pesquisa “A literatura brasileira contemporânea: diálogos, perspectivas e

confluências”, do Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

⁸ Mais Informações no Link: <<http://www.eumechamoantonio.com.br>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- BRANDÃO, Lucas. **É cada coisa que escrevo para dizer que te amo**. São Paulo: Benvirá, 2016.
- FREIRE, Clarice. **Pó de lua**. São Paulo: Intrínseca, 2014.
- FREIRE, Clarice. **Pó de lua: nas noites em claro**. São Paulo: Intrínseca, 2016.
- GABRIEL, Pedro Antônio. **Eu me chamo Antônio**. São Paulo: Intrínseca, 2013.
- GABRIEL, Pedro Antônio. **Segundo: eu me chamo Antônio**. São Paulo: Intrínseca, 2014.
- GABRIEL, Pedro Antônio. **Ilustre poesia: eu me chamo Antônio**. São Paulo: Intrínseca, 2016.
- GABRIEL, Pedro Antônio. **Instagram: eu me chamo Antônio**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/eumechamoantonio>>. Acesso em: 30 jan. 2017a.
- GABRIEL, Pedro Antônio. **O livro mais desgastado da minha estante**. Disponível em: <<http://www.intrinseca.com.br/blog/2016/10/o-livro-mais-desgastado-da-minha-estante>>. Acesso em: 30 jan. 2017b.
- HENRIQUE, Pedro. **Um cartão: sentimentos cotidianos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- LEMINSKI, Paulo. **Caprichos e relaxos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LEMINSKI, Paulo. **Agora é que são elas**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEMINSKI, Paulo. **Um milhão de coisas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LEMINSKI, Paulo. **Winterverno**. São Paulo: Iluminuras, 1994a.
- LEMINSKI, Paulo. **Metamorfose: uma viagem pelo imaginário grego**. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LEMINSKI, Paulo. **Vida: cruz e sousa, Jesus, Bashô, Trótski**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MAGIEZI, Zack. **Estranhismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- MORAES, Layse. **Eu me chamo Antônio: criador da fanpage lança livro com compilação de guardanapos poéticos**. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/eu-me-chamo-antonio>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- MORICONI, Ítalo. **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressão da literatura brasileira no século XXI**. São Paulo: Casa da Palavra, 2008.

Para citar este artigo

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani; DEFILIPPO, Juliana Gervason. De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel: diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 134-150, jan.-abr. 2017.

As autoras

Jennifer da Silva Gramiani Celeste é, atualmente, mestranda em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e especializanda em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery. É bacharela e licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2016) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). Possui experiência em campos referentes à Educação, à Literatura e à Psicologia.

Juliana Gervason Defilippo é professora titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do projeto de pesquisa "A Literatura Brasileira Contemporânea: Diálogos, perspectivas e confluências". Editora-gerente da CES Revista (ISSN 1983-1625 - Qualis B1). Membro do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.